

CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO: A LITERATURA INDÍGENA COMO ARTICULADORA DO LETRAMENTO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

José Paulo Alexandre de Barros Júnior
*Mestrando em Letras – Literatura, teoria e crítica, pelo Programa de Pós-graduação em letras
da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB)*
josepauloj08@gmail.com

Jobson Jorge da Silva
*Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de
Pernambuco (PPGE-UPE)*
jobson.jorge@upe.br

Myrna Andreza da Silva Alves
*Mestrando em Letras – Literatura, teoria e crítica, pelo Programa de Pós-graduação em letras
da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB)*
myrna10_pb@hotmail.com

*Simpósio Temático nº 19– Escrivivências dissidentes e subalternas na literatura:
representatividade e subversão do cânone*

RESUMO

Tendo em vista os drásticos efeitos da coloniedade do ser, da coloniedade do poder e da coloniedade do saber, observamos na literatura brasileira contemporânea produções artísticas que estabelecem uma verdadeira desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2007) e reivindicam a condição de humanidade dos povos originários. Esse é o caso da produção escritora indígena Auritha Tabajara, que é poeta, cordelista e contadora de histórias. Considerando a necessidade de descolonizar nossas mentes, a presente pesquisa investiga se a experiência estética com os cordéis de Auritha tabajara, pode promover o letramento étnico-racial na educação básica e ressignificar no ponto de vista do alunos a memória, a identidade e a história fragmentada desses povos originários. Para isso, a partir de uma análise crítica do cordel intitulado *Coração na Aldeia, pés no mundo* (2018), propomos um roteiro que possibilita, por um viés comparativo, uma experiência de leitura na sala de aula que desperte o pensamento crítico e a desconstrução de imaginários impostos e construídos historicamente em nossas mentes.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Auritha Tabajara, Letramento Étnico-racial.

ABSTRAT

In view of the drastic effects of the colonization of being, the colonization of power and the colonization of knowledge, we observe in contemporary Brazilian literature artistic productions that establish a true epistemic disobedience (MIGNOLO, 2007) and claim the condition of humanity of the original peoples. This is the case of the indigenous writer production Auritha Tabajara, who is a poet, cordelist and storyteller. Considering the need to decolonize our minds, this research investigates whether the aesthetic experience with Auritha tabajara's strings can promote ethnic-racial literacy in basic education and reframe memory,

identity and fragmented history from the students' point of view. of these original peoples. For this, based on a critical analysis of the string entitled *Coração na Aldeia*, feet in the world (2018), we propose a script that allows, through a comparative perspective, a reading experience in the classroom that awakens critical thinking and deconstruction of imaginaries imposed and constructed historically in our minds.

Keywords: Indigenous literature, Auritha Tabajara, Ethnic-racial Literature.

1 INTRODUÇÃO

Em função da coloniedade do ser, da coloniedade do poder e da coloniedade do saber (LUGONES, 2020), o apagamento de tudo que os povos originários produziram enquanto conhecimento e cultura, funcionou historicamente como uma ferramenta sofisticada da modernidade do capitalismo global para arquitetar a sociedade numa perspectiva eurocêntrica. Nesse contexto do imperialismo cultural, a literatura e os saberes desses povos foram excluídos dos cânones formados pelas instituições do poder, que controlaram aquilo que a sociedade deveria ou poderia saber, trazendo efeitos irreversíveis para a formação cognitiva da nossa cultura, moldada na perspectiva da cultura do colonizador.

Contudo, na literatura contemporânea, observamos produções artísticas que estabelecem uma verdadeira desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2007) e reivindicam a condição de humanidade desses povos. Esse é o caso da produção escritora indígena Auritha Tabajara, que é poeta, cordelista e contadora de histórias. Considerando a necessidade de descolonizar nossas mentes e que a escola e a literatura possuem um importante papel nesse processo, desenvolvemos esse roteiro de aula buscando caminhos para emancipar sujeitos e educá-los numa perspectiva crítica, considerando o debate e a reflexão de gênero, raça, etnia e sexualidade que a obra de Auritha Tabajara pode motivar nesse contexto. Portanto, temos como principal objetivo propor, por um viés comparativo, uma experiência de leitura literária que articule o letramento étnico-racial no Ensino Médio e ressignifique na percepção dos alunos a memória, a identidade e a história fragmentada desses povos originários.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Auritha Tabajara na sala aula: descolonizando perspectivas de gênero, raça, etnia e sexualidade

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a

ampliação dos letramentos” (BRASIL, 2018, p. 65). Nessa perspectiva, apontamos o Cordel de Auritha Tabajara como uma alternativa de trabalho nas aulas de língua materna, especificamente no eixo de ensino de literatura, capaz de ampliar letramentos e o senso crítico dos estudantes. Enquanto proposta para descolonizar pensamentos, a literatura indígena apresenta resistências e resgata uma série de discussões em pauta na contemporaneidade.

Assim, por esse viés, discutiremos questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade presentes na produção de Auritha Tabajara, estabelecendo uma relação com o ensino de literatura e com uma proposta pedagógica e crítica na sala de aula quanto à produção indígena. Nesse sentido, observamos no cordel:

[...] num distante interior,
Tangido por vento norte,
Do balanço de uma rede,
Ou como sopro de sorte,
Nasceu uma indiazinha,
Chorando bem alto e forte.

Criou-se desde infante,
No berço de sua gente,
Ouvindo belas histórias,
De sentido inteligente. [...]

(TABAJARA, 2018, p. 7)

O texto apresenta a menina como uma jovem indígena e coloca essa garota como alguém vai em busca de conhecer outros lugares. O texto é explícito quando determina a qual grupo étnico-racial pertence a protagonista. Além disso, observamos no trecho lido que a personagem viveu boa parte de sua vida, compreendendo infância e adolescência, na aldeia com seus iguais. A relevância de entendermos que a história aponta para uma mulher indígena, com vivência em um contexto sociocultural de resistência e reafirmação identitária, aponta para discussões contemporâneas sobre a ausência de pessoas com as origens da personagem nos espaços de poder e nos cânones literários trabalhados na educação básica.

A partir disso, Ferreira (2006, p. 33) afirma que o ensino crítico “relaciona-se com a forma como se ensina em sala de aula, seus objetivos, seu papel na sociedade e a habilidade de agir reflexivamente”. Nessa perspectiva, precisamos perceber como o texto de Auritha Tabajara colabora com a ampliação da criticidade e quais as discussões sociais ele constrói.

Nesse direcionamento, observamos que a primeira discussão colocada no cordel é a identidade. Auritha, sistematicamente, tem sua identidade fragilizada, tanto pela forma como as pessoas a veem na sociedade, como nos processos formais exemplificado a partir do registro do seu nome:

Uma menina saudável,
Com nome a definir,
Vovó chamou Auritha,
Um ancestral lhe contou
‘Aryrei’ está a vir.

Mas, para registrar,
Seguiu a modernidade
Com nome de Francisca,
Pois, para a sociedade,
Fêmea tem nome de santa
Padroeira da cidade.

(TABAJARA, 2018, p. 9)

A partir dos versos do cordel, observamos como a identidade da personagem é desfigurada em prol do poder mandonista do homem branco e da cultura do colonizador. A partir desse olhar, observamos que além dessa denúncia, o eu-lírico centraliza suas expressões a partir das experiências vividas. Isso significa que a brasilidade se manifesta na representação do modo de viver da personagem, cuja exposição discursiva da atmosfera pós-colonial impõe a desorganização da mentalidade mandonista dos proprietários da terra, pois ao decidir sair da aldeia e enfrentar o mundo lá fora, o eu-lírico elabora um nacionalismo às avessas, por tender a valorizar a representação do indígena e da mulher, deslocando o poder dos senhores patriarcais, através de recursos próprios da criação literária.

Nessa perspectiva, segundo Cosson (2006, p. 15): ‘o nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico, soma-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante’. Assim, observamos que a literatura cumpre a função social de sensibilizar os leitores para a vida em sociedade. A partir dessa experiência, observamos no cordel o crescimento e amadurecimento da personagem com perspectivas e anseios humanos:

‘A menina foi crescendo
Aprendeu a caminhar.
Com nove meses de vida
Tudo sabia falar.
Dizia: ‘Quando eu crescer,
Quero aprender a curar.’

(TABAJARA, 2018, p. 10)

Segundo Pinheiro (2018, p. 17), ‘para o poeta, a função essencial da poesia está em que “possamos nos assegurar de que essa poesia nos dê prazer”. Dessa forma, a emoção e a sensibilidade causadas pela história da personagem nos comove ao mesmo tempo em que nos emancipa a partir de reflexões críticas. Diante disso, a poesia na sala de aula tem o poder de

desconstruir nossas mentes ao mesmo tempo que nos causa desejo de justiça diante de enredos como o do cordel analisado, em que observamos o desnude de diversos tipos de opressões e violências que circundam o eu-lírico, conforme ilustra os trechos abaixo:

Um cabra meio de longe,
Desde cedo a observava.
Veio se achegando aos poucos,
Fez que uma fruta comprava,
E, como um lobo faminto,
Para a mocinha olhava.

Disse: ‘‘Oh, moça bonita
Qual a lua no nascente,
Seu sorriso me alegrou,
És para mim um presente.
Vejo em tí serenidade,
Além de linda, atraente’’.
[...]

Vamos comigo, menina,
Eu sou um homem do bem.
Em cara terás de tudo,
Até uma mãe também’’.
Mas, Auritha respondeu:
‘‘Não quero ir com Ninguém’’

Eram aqueles olhares
Bem em sua direção,
E voltados ao seu corpo,
Que lhe davam aflição.
Pois era mesmo bonita
De acelerar o coração.

(TABAJARA, 2018, págs. 17 e 20)

Observamos que Auritha se depara com uma experiência talvez inexistente na aldeia em que vivia. A objetificação do corpo das mulheres é uma herança do colonizador que construiu sociedades a partir da cultura do estupro e do sexismo. Além disso, mesmo depois de ser mãe e ter relacionamentos heterossexuais, o seu entendimento como LGBT irá influir na construção subjetiva da sua identidade:

[...] Auritha tinha um segredo
Que não podia contar.
Somente pra sua avó
Se encorajou a falar.
Não gostava de meninos,
E não sabia lidar.

(TABAJARA, 2018, p. 14)

É nesse contexto que a percebemos como o cordel aponta para a sua construção identitária, mostrando os diversos eixos interseccionais que atravessam o eu-lírico e implicam

nas suas relações consigo mesmo e com a sociedade. É por essa perspectiva que acreditamos na relevância desse texto na sala de aula, tendo em vista a riqueza de questões sociais abordadas. Auritha luta pela sua liberdade assim como seus ancestrais lutaram para impedir que o colonizador os dominasse.

2.2 Um roteiro possível de abordagem na sala de aula

2.2.1 Conhecendo o horizonte de expectativas: a cultura e a representação das identidades dos povos indígenas na perspectiva do outro

Momento 1: Para iniciar a abordagem desse roteiro na sala de aula, começamos com a ambientalização dos alunos em relação à temática. Esse primeiro passo tem como objetivo avaliar o conhecimento e o imaginário dos alunos acerca da identidade indígena. Solicita-se, a princípio, que os participantes da aula formem grupos, discutam entre si e desenhem em uma cartolina em branco como eles concebem tais imagens/representações em suas mentes acerca do povo indígena. Após discutir em grupos separados, o professor solicita a esses grupos que socializem suas considerações e apresentem os desenhos feitos toda a turma. Em seguida, após essa socialização, o professor inicia um debate com o grupo mediado pelas seguintes perguntas:

- a) Por que vocês idealizam a cultura e a identidade indígena dessa forma?
- b) A maneira como vocês observam esses sujeitos nas mídias sociais influenciam nessa construção imagética?
- c) Vocês conhecem textos literários que narram acerca da identidade indígena? Se sim, quais?

Momento 2: O objetivo desse momento é possibilitar que os alunos observem na arte como a identidade e a cultura indígena é representada na visão do outro, e se essa representação corrobora com aquilo que eles colocaram em exposição na atividade anterior. Portanto, iniciamos esse momento com a leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram [...] A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso

verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber (BRASIL, 2015).

A princípio, o professor solicita que a leitura do trecho seja feita de forma individualizada, solicitando que o aluno descreva em uma folha de papel como os alunos observam esse indígena descrito no texto. Em seguida, o professor exhibe o clipe “Brincar de Índio”, da cantora Xuxa Meneghel.

Imagem I: Performance “Brincar de índio”, de Xuxa Meneghel



Fonte: YouTube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=sfdL4bRIwng>>. Acesso em 27 nov. 2021.

Após a exibição do vídeo, o professor abre espaço para o debate e reflexões, a partir de alguns questionamentos, podendo retornar ao vídeo em alguns momentos:

- a) A imagem do povo indígena representada no trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, possui alguma relação com a imagem do povo indígena retratada no clipe e pensada por vocês nos desenhos da aula anterior?
- b) Vamos pensar acerca dos sujeitos que idealizaram tais imagens do povo indígena. Qual o lugar deles na sociedade? Que espaços habitam?
- c) Pela reação dos indígenas que aparecem no clipe, vocês acham que eles se sentem realmente representados por essas imagens feitas sobre a cultura e a identidade deles?
- d) Vocês já viram alguma música, texto literário ou filme que narram as identidades e as culturas indígenas por eles mesmos? (nesse momento, o professor pede que os alunos peguem o livro didático de língua portuguesa, e tentem encontrar algum texto ou expressão artística

feita por algum indígena, para levantar o debate e a reflexão acerca do que os alunos pensam sobre escassez ou até na inexistência da voz desses povos no material didático deles).

3.1 Ampliando e rompendo o horizonte de expectativas: identidade e cultura indígena escritas em cordel por Auritha Tabajara

Considerando que vivenciar a poesia constitui “um modo de viver o mundo a partir do ver, sentir, experimentar e projetar” (GERBARA, 2011, p. 1), entendemos que como arte, ela pode direcionar nossa visão social e fazer com que observemos culturas e identidades por outras lentes, a partir da reflexão e da experiência estética propiciada pela interação entre texto e leitor. Portanto, os momentos a seguir figuram uma mediação de experiências de leitura que entram em contraponto com a construção da imagem idealizada da cultura e da identidade indígena apontada pelo texto e vídeo analisados nos momentos anteriores. Isso se justifica pois a escrita de Auritha Tabajara configura-se como uma escrita de um eu-mulher-indígena-LGBT que expõe sua vivência identitária como forma de emancipar e reescrever uma narrativa contada a partir de um único ponto de vista: um ponto de vista branco, ocidental e colonizador.

Momento 3: Esse momento constitui da apresentação da autora e da obra. Dessa forma, o iniciamos a partir da exibição do vídeo *Conheça o trabalho da cearense Auritha Tabajara*:

Imagem 2: Conheça o trabalho da cearense Auritha Tabajara



Fonte: YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKGID053bWI&t=91s>>. Acesso em 27 nov. 2021.

Em seguida, o professor fala sucintamente acerca da autora e da obra, identificando juntamente com os alunos elementos textuais e imagéticos contidos na capa, nas orelhas e no prefácio do livro, que falam sobre o percurso de Auritha como uma escritora. Além disso, é importante que o professor justifique a escolha da obra e da autora para aquele momento, como forma de “crítica do presente, como ativismo, militância e politização” (DANNER *et al* 2018, p. 149). Em sequência, passamos para o próximo momento.

Momento 4: Esse é o momento de leitura compartilhada do texto literário. Considerando que no processo de mediação da literatura de cordel na sala de aula deve ser sempre “treinada antes de vir a público” (PINHEIRO e LÚCIO, 2012, p. 66), dividimos a sala em três grupos e dividimos o cordel conforme três momentos distintos identificados no texto. Isso se justifica, pois muitos alunos e alunas podem ter pouca familiarização com o ritmo e as peculiaridades do ato de oralizar um texto poético. A seguir, encontra-se a divisão temática estabelecida e que deve ser dividida em três grupos:

- 1) O início, em que a voz indígena retrata a questão identitária como mulher indígena (págs. 6-15);
- 2) O meio da narrativa poética, em que a voz indígena apresenta a sua jornada nas grandes cidades e a busca pelo reconhecimento como mulher (págs. 16-25);
- 3) E o fim, que traz a luta da voz indígena contra a violência e o seu entendimento como LGBT (págs. 27-40);

Após treinarem a leitura em três grupos distintos, o professor organiza a sala em uma grande roda e os alunos irão oralizar o cordel conforme a divisão estabelecida. Após a leitura, todos os grandes grupos iniciam um debate, de acordo com sua percepção do texto poético. O professor mediará a discussão conforme as inquietações e destaques feitos pelos alunos acerca das imagens que o cordel possibilitou. O professor também deverá questionar nesse momento quais reflexões o cordel de Auritha Tabajara possibilitou em contraponto com a imagem da identidade e da cultura indígena observadas no bloco anterior.

Momento 5: Oficina de isogravura e de escrita de depoimento

Esse momento configura-se como a etapa de reescrita do imaginário e de expressão criativa. Na primeira aula, os alunos tinham colocado em um cartaz e exposto para a turma a

percepção deles acerca da identidade e da cultura indígena. Agora, os mesmos grupos que tinham se dividido para ensaiar a leitura do cordel, escreverão em conjunto um depoimento de experiências relatando as mudanças de percepção acerca da identidade e da cultura indígena após o contato com a obra de Auritha Tabajara. Após a escrita, uma pessoa de cada grupo lê o relato para turma.

Posteriormente, após a socialização do relato, os alunos irão produzir uma imagem que simbolize a sua experiência com a literatura indígena. Como forma mais acessível de produzir algo semelhante a xilogravura, o professor indica uma técnica conhecida como Isogravura que utiliza materiais recicláveis como forma alternativa de produzir o desenho, conforme explica o vídeo abaixo:

Imagem 3: Xilogravura alternativa (isogravura)



XILOGRAVURA ALTERNATIVA (ISOGRAVURA) - 2019

Sandra Gobert - Pensarte e artesanato · 33 mil visualizações · há 2 anos

Fonte: YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gehVfWDCHRY>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

Após a conclusão da isogravura, os alunos irão expor suas obras artísticas nos corredores da escola. No fim, o professor reúne a turma para escutar as experiências dos alunos em relação a literatura indígena, as mudanças que essa experiência trouxe para seus aprendizados e para as práticas culturais no cotidiano.

3 CONCLUSÃO

As conclusões desse trabalho apontam para a concepção de que a literatura indígena se estabelece como um marco de reescrita de um eu e de um nós-político subjugado e impedido historicamente de contar suas próprias narrativas. Especificamente nesse trabalho, a literatura de Auritha Tabajara constitui-se como a autoafirmação de um eu-mulher-LGBT-indígena que

utiliza elementos estéticos próprios do texto literário para emancipar a figura do grupo étnico-racial ao qual ela está inserida. Portanto, a partir da experiência de leitura aqui construída, observamos que o contato e a experiência estética com os cordéis da autora pode provocar a transgressão de imaginários e mudar a percepção da realidade do leitor, justamente pela obra evocar um pensamento interseccional e ser constituída pela escrita de um eu que vivencia experiências até então contadas na história pelo ponto de vista do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **A estilística da literatura indígena brasileira**: a alteridade como crítica do presente – sobre a noção de eunós lírico-político. Revista Letras, [S.l.], v. 97, jul. 2018. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/56721>>. Acesso em: 27 nov. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v97i0.56721>.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 120-139.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais, projetos globais**: coloniedade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018 (Série Estratégias de Leitura, 61)

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena: UK'A Editorial, 2018.